

Cenário do Rap em Emissoras de Rádio Nas Cidades da Beira e de Maputo em Moçambique: Contribuições e Questões Críticas¹

Francisco Carlos Guerra de MENDONÇA JÚNIOR²

Universidade Federal de Rondônia

RESUMO

Este trabalho visa analisar os programas de rap em duas cidades polo de Moçambique, país localizado na África Austral: Maputo e Beira. Maputo é a capital do país e Beira é a cidade mais populosa da região Centro de Moçambique. Beira conta com três programas de *rap*. Enquanto isso, Maputo possui dois programas voltadas ao *rap*. Em cada uma das cidades, há programas que priorizam a produção de música local, sendo um incentivo para se formar uma indústria fonográfica local. A veiculação de música *rap* garante algum espaço para a divulgação de letras de resistência, apesar de terem ocorridos casos de censura ao longo da história. Outro ponto crítico é a falta de pagamento de direitos autorais aos artistas.

PALAVRAS-CHAVE

Beira; Maputo; rap; rádio.

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa analisar os programas de *rap* em rádios de Beira e Maputo, duas cidades polo de Moçambique, país localizado na África Austral. O intuito principal é observar como os programas de *rap* nessas duas cidades ajudam a fomentar a cultura *hip-hop* e as produções locais autorais. Dessa forma, será analisado como esses programas divulgam músicas *rap* de artistas de suas respectivas cidades e de outras regiões de Moçambique.

Maputo é a capital do país e segunda cidade mais populosa, ficando atrás apenas da Matola, localizada na região metropolitana. Beira é a terceira maior cidade de Moçambique, sendo considerado o segundo polo econômico, visto que Maputo/Matola são cidades circunvizinhas.

A realização deste trabalho foi motivada pela participação na I Conferência Internacional e Inter-regional de Hip Hop Moçambicano, entre os dias 14 e 17 de abril de 2023, em Maputo, no qual o autor deste artigo foi um dos conferencistas convidados, a

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Rádio e Mídia Sonora do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de Coimbra, professor do curso de jornalismo da Universidade Federal de Rondônia (Unir), *rapper* e coordenador do programa de extensão e grupo de pesquisa BARRAS – Bloco de Ações em Rap, Rádio e Ausências Sonoras.

convite do projeto CIPHER, da Universidade College Cork. O CIPHER é um acrônimo de Le Conseil International pour Hip Hop et Recherche (traduzido do francês como Conselho Internacional de Estudos do Hip-Hop). Esse projeto busca catalogar as iniciativas de *hip-hop* ao redor do mundo e promoveu um evento em parceria com a Universidade Eduardo Mondlane, a mais prestigiada universidade de Moçambique.

A partir das anotações feitas na Conferência, foi realizado um mapeamento dos programas das duas cidades, em que apresentadores, *rappers* e ouvintes dos programas foram questionados sobre os programas de *rap* em suas respectivas cidades. No entanto, apenas os apresentadores foram entrevistados, enquanto os *rappers* e ouvintes trouxeram informações complementares. A partir do mapeamento, nos dedicamos a escuta dos programas, para entender como essas iniciativas promovem o *rap* moçambicano.

Neste artigo, descrevemos inicialmente a metodologia utilizada. Em seguida, apresentamos as contribuições das cidades de Beira e Maputo para o surgimento e desenvolvimento do *hip-hop* moçambicano, visto que o *rap* faz parte do movimento *hip-hop*. No tópico seguinte analisamos as contribuições desses programas para o desenvolvimento da cultura *hip-hop* em Moçambique. Em relação as contribuições, a veiculação de músicas locais é o principal aspecto analisado, mas também apresentamos tópicos para retratar as músicas cantadas em línguas bantu, a falta de retorno financeiro para os artistas e os casos de censura em programas de rádio.

METODOLOGIA

A relação entre o *rap* e o rádio em Moçambique já foi tema de outros estudos nossos (MENDONÇA JÚNIOR 2022a; 2022b), mas o foco dos trabalhos anteriores foi em casos de censura. A participação na I Conferência Internacional e Inter-regional de Hip Hop Moçambicano nos motivou a fazer um mapeamento mais amplo, avaliando as contribuições positivas dessas iniciativas midiáticas. Além da Universidade Eduardo Mondlane, a Rádio Cidade recebeu uma das atividades do evento. Outro lugar a sediar uma ação da Conferência foi o Centro Cultural Moçambicano-Alemão.

A ação na Rádio Cidade foi uma mesa de debate no programa Clássico Hip Hop Time, em que parte dos conferencistas ficaram na plateia e os *rappers* Inspector Desusado, DingZwayu e André Cardoso “Chamboco” realizaram debate com o tema “*Archeio do oxigênio*”: *Protesto, direitos humanos e igualdade*. A discussão foi mediada pelo apresentador do programa Helder Leonel. Além de participar na plateia, o autor deste

artigo realizei um breve comentário na abertura do painel, bem como realizou apresentação artística como *rapper*.

Outro painel que fez estreita relação com os objetivos deste artigo ocorreu na abertura do evento. Helder Leonel, Mia Couto Júnior e Mente Suína foram os debatedores do painel de abertura, que teve como foco a ligação entre o *rap* e rádio. O painel teve como título “*No ar*”: *Moldar e informar o público através da transmissão da música rap*. Eles foram convidados devido ao histórico de atuação no ramo dos programas de *rap*. Helder Leonel é apresentador do Classico Hip Hop Time desde 1995, enquanto Mia Couto Júnior e Mente Suína já apresentaram programas radiofônicos, mas migraram para canais de televisão. Além deles, também palestraram no evento os *rappers* Shakal e Idôneo da cidade de Maputo, que já foram apresentadores de programas radiofônicos, bem como o *rapper* III Elemento, da cidade da Beira, que lidera dois programas em webrádios, além de possuir sua própria webrádio.

As anotações feitas a partir das falas dos palestrantes foram utilizadas como base para a construção deste artigo. Adicionalmente, os apresentadores Mia Couto Júnior, III Elemento e Mente Suína também responderam a questões online. O radialista AV Systematic, da cidade da Beira, não participou da Conferência, mas concedeu entrevista online.

Houve ainda uma escuta qualificada dos programas entre os meses de maio e julho de 2023. Nesta escuta, foram feitas anotações sobre as músicas veiculadas nos programas. Utilizamos o método da análise de conteúdo (BARDIN, 2010) para observar como esses programas difundem a música *rap* local. Assim, catalogamos as músicas veiculadas nos programas em três categorias: músicas produzidas nas cidades dos programas (1); músicas de outras cidades moçambicanas (2); músicas estrangeiras (3).

Os sites das emissoras não possuem, em sua maioria, informações estruturadas sobre os programas. Com isso, os horários corretos dos programas foram informados pelos apresentadores por *whatsapp*. Houve inclusive um caso de mudança de horário de um dos programas durante o período de escuta: o Puro Hip Hop, apresentado por AV Systematic, da Beira.

BEIRA E MAPUTO NA GÊNESE DO RAP MOÇAMBICANO

Grande parte das ações da história do *hip-hop* moçambicano ocorreram nas duas cidades analisadas neste artigo. Timóteo (2013) aponta que há ações de *break dance* na

Beira desde 1983. Assim como o *rap*, o *break* também compõe o movimento *hip-hop*. Esse movimento é formado pelos elementos MC – Mestre de Cerimônias –, *break dance*, DJ – Disc Jockey –, grafite e conhecimento. O *rap* surge da junção dos elementos MC e DJ para a produção de músicas.

Foi também nas cidades de Beira e Maputo que surgiram os primeiros álbuns de *rap* moçambicano. No ano de 1997, o álbum do grupo Djovana, com título homônimo, foi o primeiro a ser lançado no país. Esse disco foi produzido na Beira, mas outros três álbuns de *rap* foram lançados em 1997 em Maputo (COSSA, 2019).

Antes disso, já havia sido criado o primeiro programa de *rap* na cidade de Maputo, o Hip Hop Time, que surgiu em 1995 na Rádio Cidade. Naquele momento, com a escassez de gravações, os artistas eram convidados para fazer *freestyles*, como são chamados os versos de improviso. Para veicular o programa, os idealizadores arrendaram um horário semanal na emissora de ordem estatal. Com o sucesso do programa, o apresentador Hélder Leonel foi contratado pela emissora.

Desde 2016, é realizado um festival nacional de *hip-hop*, o Punhos no Ar. Esse evento foi criado por Pier Dogg, produtor que nasceu na cidade da Beira e se transferiu para Maputo. O evento é realizado anualmente em Maputo, mas convida artistas das três regiões do país: Norte; Centro, onde fica a cidade da Beira; Sul, local em que está situada a capital Maputo. O criador do festival é também apresentador de um programa de rádio, o Radiação Hip Hop, na Rádio Terra, mas não concedeu entrevista para este artigo, quando procurado no mês de junho, alegando que estava justamente focado na realização do Festival Punhos no Ar de 2023, que foi realizado no dia 12 de agosto.

PROGRAMAS DE RAP EM BEIRA E MAPUTO

O pesquisador Janne Rantala realizou um levantamento, em 2018, durante pesquisa de pós-doutorado, sobre os programas de *rap* nas cidades de Maputo e Beira. Ele nos passou, por e-mail, esses dados que não foram publicados. No levantamento do pesquisador, havia cinco programas de *rap* na cidade da Beira e quatro em Maputo. Atualmente, o número diminuiu, devido a fatores como a pandemia da Covid-19 e a expansão do consumo da internet em Moçambique. De acordo com dados de Cambula, Zennaro e Muchanga (2015), até o ano de 2015, apenas 5,6% da população moçambicana

possuía acesso à internet. Em 2020, o percentual de pessoas conectadas já havia sido ampliado para 40%, apesar de menos de 10% possuir uma conexão 4G³.

Essa expansão do consumo da internet fez com que os artistas passassem a optar por apostar na promoção online das músicas, através de shows e vídeos. Outro fator que influenciou na diminuição do número de programas foi a migração dos apresentadores do rádio para a televisão, como são os exemplos de Mente Suína na Beira e de Mia Couto Júnior em Maputo.

Em julho de 2023, catalogamos os seguintes programas de rádio em Maputo: Clássico Hip Hop Time, na Rádio Cidade e Radiação Hip-Hop, na Rádio Terra. Já na Beira os programas de *rap* são: Puro Hip-Hop na Rádio Pax; Classic Hip Hop na Rádio Clássica e Alma do Hip Hop na Rádio Cidade.

Todos os cinco programas de rádio são semanais e variam entre uma hora e duas horas de duração. Desses programas, apenas o Alma Hip Hop mescla o *rap* moçambicano com músicas estrangeiras. Os demais apresentam exclusivamente o *rap* moçambicano. Há um incentivo ao *rap* produzido nas cidades onde os programas são veiculados. O apresentador do programa Puro Hip Hop, Av Systematic, afirmou, em entrevista online, que veicula música da cidade da Beira na maior parte do seu programa, mas há também espaço para *rap* feito nas outras 10 províncias do país. No programa Classic Hip Hop observa-se também uma prioridade aos artistas beirenses.

O apresentador Helder Leonel foi questionado, durante a Conferência Internacional e Inte-regional de Hip Hop Moçambicano, sobre o fato de mostrar pouco o *rap* de outras cidades do país no programa Clássico Hip Hop Time e afirmou que priorizava a área onde o sinal da emissora é alcançado: Maputo e região circunvizinha. Essa resposta irritou os artistas da cidade de Chimoio, que estavam participando do evento reclamaram de um duplo silenciamento, pois as cidades onde residem não tem um programa radiofônico, o que dificulta a promoção de suas músicas. Dificuldade esta que é ampliada com o fato de não ter as suas músicas exibidas em programas da capital. Por outro lado, observamos a veiculação de músicas de Chimoio durante a nossa escuta ao programa Puro Hip Hop, bem como o programa Radiação Hip-Hop, liderado por Pier Dogg, também exhibe constantemente músicas de artistas de Chimoio.

³ Conteúdo disponível em: <https://observador.pt/2020/12/02/relatorio-aconselha-paises-a-acelerar-acesso-a-internet-com-planos-nacionais/>. Acesso em: 16 de novembro de 2021.

Como já mencionado, Pier Dogg é o organizador do único festival que reúne *rappers* de todas as regiões de Moçambique em edições anuais. Assim, o criador do Punhos no Ar se apresenta como um promotor da música *rap* nacional e traz músicas de várias províncias a cada programa. Como forma de aumentar a interação com os ouvintes de outras regiões de Moçambique, ele transmite o programa em sua página no Facebook e divulga a lista de músicas que irá transmitir em grupos de *whatsapp*, com antecedência de, no mínimo, 24 horas. Assim, os artistas podem partilhar em suas redes sociais e convidar amigos e fãs para acompanhar o programa.

Em participação na Conferência Internacional e Inter-regional de Hip Hop Moçambicano, o ex-apresentador de programa radiofônico Mia Couto Júnior afirmou que veiculava prioritariamente artistas anônimos e que realizam críticas sociais. Para isso, ele visitava vários estúdios de zonas suburbanas de Maputo, procurando novas produções. Complementarmente, o apresentador buscava músicas de artistas de várias regiões de Moçambique na internet, para garantir essa abrangência nacional. Essas músicas eram veiculadas até mesmo sem um aviso prévio para o artista. Até hoje, Mia Couto prossegue com esse processo de pesquisa de músicas desconhecidas, mas a veiculação ocorre em seu programa de televisão, o África Hip-Hop, apresentado na Ram TV.

LÍNGUAS BANTU NOS PROGRAMAS DE RAP

A maioria das músicas apresentadas nos cinco programas de *rap* analisados neste artigo são cantadas em português. No entanto, pode-se observar a inserção de produções de *rap* em línguas bantu nos programas analisados. Moçambique possui 43 línguas, mas o português é a única língua oficial. Apesar disso, segundo dados do Censo de 2017, apenas 16,5% da população prefere se expressar em português⁴.

Houve um histórico de apagamento linguístico na legislação do país tanto no período colonial como no período pós-colonial (CABAÇO, 2007). No período colonial, foi estabelecido o Estatuto do Indigenato em 1930, no qual os nativos recebiam alguns direitos de cidadania, caso aceitassem adotar os hábitos culturais do colonizador, tais como a língua, a religião e a forma de vestir.

⁴ CENSO 2017. Brochura dos Resultados Definitivos do IV Recensamento Geral da População e Habitação referentes a Moçambique. Consultado em 22 de fevereiro de 2022, em <http://www.ine.gov.mz/iv-rgph-2017/mocambique/censo-2017-brochura-dos-resultados-definitivos-do-iv-rgph-nacional.pdf/view>.

Apesar de o resgate dos valores moçambicanos terem sido importantes para a luta anticolonial, os antigos independentistas que adotaram essa estratégia de luta passaram a obrigar o uso exclusivo da língua portuguesa. A justificativa para implementar o “Homem Novo”, que dava diretrizes de comportamento para os cidadãos moçambicanos e incentivava o uso do português, era de que os cidadãos deveriam sair de percepções tribais e adotar atitudes desenvolvimentistas (CHICHAVA & POHLMANN, 2008). Todavia, o uso do português fazia parte de uma tática política, visto que implementar uma só língua facilitaria o controle populacional e a escolha de qualquer língua nativa poderia motivar guerras internas.

Essa contradição entre o pequeno número de falantes de pessoas que preferem se comunicar em português e a exclusão das línguas locais dos documentos oficiais faz com que muitos cidadãos moçambicanos desconheçam os seus direitos. Desse modo, Carvalho (2023) observa a implementação de línguas locais nos cursos de curso de Jornalismo no ensino superior e médio, como forma de motivar a inserção desses idiomas na mídia. A menção ao curso de Jornalismo em ensino médio ocorre porque a Escola Superior de Jornalismo oferece a formação em jornalismo tanto no bacharelado como também um ensino profissionalizante no ensino médio.

Em todos os cinco programas analisados ao longo da pesquisa, observa-se o uso prioritário do português. No entanto, um dos apresentadores, o Av Systematic, utiliza versos de línguas locais em algumas de suas músicas e as reproduz em seu programa.

Na nossa participação no programa Clássico Hip Hop Time, presenciamos a participação do *rapper* DingZwayu, que canta nas línguas ronga e chope, em atividade que fazia parte da Conferência Internacional e Inter-regional de Hip Hop Moçambicano. DingZwayu é membro do grupo Xitiku ni Mbawula, um dos pioneiros em cantar em línguas locais na capital Maputo. Na participação, o músico, que tem formação em Jornalismo, defendeu que o uso da língua local na música fornece informações de modo inédito para os cidadãos moçambicanos. O papel do Xitiku ni Mbawula nessa busca por informar direitos foi tema de outro artigo nosso (MENDONÇA JÚNIOR, 2021).

FALTA DE RENTABILIDADE PARA OS RAPPERS

Apesar de os programas radiofônicos de *rap* fomentarem as produções locais, um ponto negativo é o fato de os artistas não receberem pela veiculação das suas músicas nesses programas. Podemos estabelecer um comparativo com o Brasil, em que duas

associações são responsáveis pela captação dos direitos autorais dos artistas: a Associação Brasileira de Música e Artes (ABRAMUS) e a União Brasileira de Compositores (UBC). A ABRAMUS e a UBC recolhem os direitos autorais pela veiculação em meios de comunicação, estabelecimentos comerciais e em plataformas de *streaming*. Em Moçambique, não há uma associação responsável por isso, porque os meios de comunicação não pagam pela veiculação das músicas.

Esse problema se estende aos estabelecimentos comerciais e as plataformas de *streaming*. Desse modo, os artistas reclamam da precariedade de retorno pelo investimento com música e alguns optam por se associarem a entidades de outros países e se registrando até mesmo como artistas desses países.

Em relação aos programas midiáticos, há casos em que os artistas são cobrados para que suas músicas sejam veiculadas. O *rapper* III Elemento afirmou, na Conferência Internacional e Inter-regional de Hip Hop Moçambicano, que um apresentador de televisão cobrou uma taxa para que a música dele fosse transmitida em 2011. Isso o motivou a criar canais radiofônicos independentes. Desde 2019, III Elemento é responsável pela webrádio III Bloco dos Incultos, que busca apresentar artistas de todas as províncias de Moçambique, focando nos artistas que não têm espaço nas rádios e muitos não postaram sequer as suas músicas na internet. III Elemento ainda lidera o programa Hip Hop Mistura na webrádio Mistura, do Brasil, bem como possui um programa com mesmo nome na webrádio PanAfricana de Moçambique. Ambos os programas têm duração de duas horas semanais.

CENSURA AO RAP DE INTERVENÇÃO SOCIAL

O *rap* é um gênero musical que tem a intervenção social como uma de suas características principais (PRICE, 2006). Porém, as críticas são restringidas em alguns veículos de comunicação. Houve dois casos de músicas que foram proibidas na Rádio Cidade em 2002 e 2006 (MENDONÇA JÚNIOR, 2022a), bem como há casos recorrentes de proibição em Quelimane, outra cidade moçambicana, mas que não é analisada neste trabalho (MENDONÇA JÚNIOR, 2022b).

Durante a Conferência Internacional e Inter-regional de Hip Hop Moçambicano, um ex-apresentador de programa de rádio na cidade da Beira confessou que não pôde veicular a música *Sagrada Munhava*, do *rapper* Duplo V, por conter versos que questionam a história oficial do país. O apresentador salientou que essa recomendação se

estendia para outras músicas e ele atendeu as normas, para que o programa não deixasse de ser veiculado.

Por outro lado, o apresentador Mia Couto Júnior afirmou que a Rádio Savana, onde trabalhava, tinha como foco principal apresentar as críticas sociais. Essa emissora é uma das maiores críticas ao regime da Frelimo, que governa o país desde 1975. Sendo assim, o programa de *rap* buscava dar visibilidade aos artistas que retratavam essas questões em suas letras. Vale ressaltar que quando a música de Azagaia “*As Mentiras da Verdade*” foi censurada em 2006 a Rádio Savana e o Jornal Savana produziram várias notícias relacionadas ao fato.

CONCLUSÕES

Pode-se observar que os programas de *rap* moçambicano são uma forma de fomento à produção local, servindo de incentivo para que os artistas produzam músicas, já que terão grandes chances de veicular os seus sons em programas radiofônicos. Adicionalmente, na maioria dos programas analisados, o *rap* de outros países só é mostrado em ocasiões especiais, como em momentos precedentes a shows de artistas estrangeiros, como foram os casos do brasileiro Phantom e do português Valete, que se apresentaram na Beira e em Maputo em 2023.

A diversidade linguística ainda é um ponto a ser explorado, pois há artistas cantando em línguas locais em várias partes de Moçambique, mas há uma massiva prioridade ao português nos programas de *rap*.

Há pontos críticos e desafios, como a falta de direitos autorais e os casos de censura. Também não observamos participação de mulheres nos programas. Na própria Conferência, houve apenas uma participação feminina: a *rapper* Mel Keit, que reside em Chimoio. O idealizador do evento, Janne Rantala, salientou que as *rappers* Guiggaz M Power, Jazz P, Iveth e Gina Pepa foram convidadas, mas não compareceram ao encontro.

Em relação ao foco principal do artigo, é possível perceber um importante fomento ao *rap* em rádios moçambicanas, servindo como incentivo para a produção de músicas locais. Como sugestão para trabalhos futuros, pode-se estudar um comparativo entre Brasil e Moçambique na relação entre *rap* e rádio. No Brasil, Peranti & Gomes (2022) realizaram um mapeamento dos programas de *rap* nas rádios universitários, sendo um trabalho fundamental para se pensar esse comparativo. Motivamos ainda as pesquisas de mapeamento dos programas de rádio e televisão nas demais províncias de

Moçambique, para compreender como se dá o trabalho de promoção dos artistas nas diferentes regiões do país.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

CAMBULA, S.; ZENNARO, M. & MUCHANGA, A. The Internet @ rural: why not TV-White spaces in Mozambique? **Conference Paper**, 2015.

CABAÇO, J. L. **Moçambique: Identidades, colonialismo e libertação**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CARVALHO, E. **Contribuições africanas para o ensino de Jornalismo**: as experiências de Angola e Moçambique. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

CHICHAVA, S. & POHLMANN, J. Uma breve análise da imprensa moçambicana. In BRITO, L., et al (Orgs.). **Desafios para Moçambique 2010**. Maputo: Instituto de Estudos Sociais e Económicos, p. 127-138, 2010.

COSSA, E. **Ritmo, alma e poesia**: A história e as estórias do hip hop em Moçambique. Maputo: TPC Editora, 2019.

GOMES, N. A.; PIERANTI, O. P. O rap e o hip-hop na programação de Rádios FM de Universidades Públicas: um inventário. **Radiofonias**, v. 13, p. 74-94, 2022.

MENDONÇA JÚNIOR, F. C. G. 'A cultura estava influenciada pelo idioma inglês': A construção da identidade nacional no rap de Moçambique. **E-cadernos**, v. 31, 2021.

MENDONÇA JÚNIOR, F. C. G. “O Carlos teve azar, foi o primeiro da lista”: reflexões sobre a repressão em Moçambique a partir da relação entre mídia e rap. **Galáxia**, São Paulo, v. 1, p. 3, 2022a.

MENDONÇA JÚNIOR, F. C. G. “A liberdade exige muito sangue nessas terras”: o rap proibido em rádios de Quelimane. **Conexão – Comunicação e Cultura**, v. 21, n. 42, 2022b.

PRICE, E. **Hip Hop Culture**. Santa Barbara: ABC-Clio, 2006.

TIMÓTEO, A. **Nós os de Macurungo**. Maputo: Alcance Editores, 2013.